

IGREJA DO BOM JESUS, A IGREJA NOVA DE CANUDOS

Jadilson Pimentel dos Santos

Resumo: A Igreja do Bom Jesus ou Igreja Nova erguida no coração da cidade do Belo Monte tinha sua face voltada para a Igreja de Santo Antônio. Diferente dos outros exemplares foi a única edificação, não concluída, da lavra do Conselheiro que possuía duas torres sineiras. Baseado nas fotografias de Flávio de Barros e nos estudos de reconstituição arqueológica de Canudos, esse trabalho pretende discorrer sobre essa grande construção religiosa relacionando-a a outras edificações sertanejas, pois resgatar a memória desse templo é fundamental para compreender as expressões das minorias oprimidas, bem como sua arte, sua arquitetura, religiosidade, dentre outros.

Palavras-chave: Igreja do Bom Jesus, Arquitetura religiosa, Antônio Conselheiro.

¹Mestrando em Artes Visuais – História da Arte Brasileira. jadangelus@bol.com.br.



Imagem 01: Igreja do Bom Jesus ou Igreja Nova – Belo Monte

Autoria: Antônio Conselheiro, século XIX.

Fonte: Eduardo Verderame, 2010

O templo do Bom Jesus foi a segunda grande construção a ser concebida e edificada na cidade do Belo Monte. Fez-se necessário erigi-la em detrimento de a cidadela ter aumentado além do esperado. Mais do que um simples lugar onde se glorificava o nome do Senhor, a nova obra seria aproveitada como um baluarte destinado a conter as forças republicanas. (Imagem 01)

No ano de 1895 já temos notícia dos trabalhos aí executados. Nesse mesmo ano, com a finalidade de dispersar o povo do Conselheiro do Belo Monte, o arcebispado da Bahia enviou uma comitiva a Canudos composta pelos capuchinhos; frei João do Monte Marciano e Frei Caetano de Léo. No final da missão, não conseguindo o que pretendia, o frei João do Monte Marciano apresentou um relatório onde denunciava as práticas e vivências no Belo Monte. Nesse relatório nota-se um discurso não afinado com aquela realidade. Por serem italianos os freis não conseguiram assimilar as práticas daquele

contexto, e, embora seja um documento que trate de vários aspectos do arraial, o que produzem, é, deveras, preconceituoso.

Chega-se mesmo a abordar sobre a construção da capela ou Igreja Nova de Canudos, bem como o interesse do Conselheiro em falar sobre suas construções.

Refeitos um pouco da nossa penosa viagem, dirigimo-nos para a capella onde se achava então Antônio Conselheiro, assistindo aos trabalhos de Construção; mal nos perceberam, os magotes de homens armados cerraram fileiras junto à porta da capella, e ao passarmos disseram todos: *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo*, saudação frequente e commum, que só recusam em rompimento de hostilidades. Entrando, achamo-nos em presença de Antônio Conselheiro, que saudou-nos do mesmo modo [...]. As primeiras palavras que trocamos versaram sobre as obras que se construíram e elle convidou-nos a examinal-as, guiando-nos a todas as divisões do edificio. (MARCIANO, 1895, s/p)

No ano de 1896 esse templo estava, ainda, em execução. E foi, justamente, por causa das obras dessa igreja, que não chegaram a ser concluídas, o motivo primeiro da luta sangrenta que envolveu toda a nação brasileira.

O penitente não se cansava de falar sobre o seu grande projeto, mostrando o desenho elaborado por ele mesmo, discorrendo sobre os detalhes, o tipo de material, a altura, a quantidade de janelas, as torres e o pessoal envolvido na construção. No meio da conversa, chamou o mestre Faustino e procurou informação sobre a madeira usada no piso, no coro e na cobertura - Tem muita árvore boa aqui pros lados de Cocorobó – disse Faustino, orgulhoso do seu saber e do seu trabalho - E a que será usada no acabamento do altar principal? – perguntou o Conselheiro, lembrando-se de outras igrejas construídas pelo seu povo, com o mestre Faustino executando verdadeiras obras de arte nos altares - Ai tem de ser madeira boa, meu pai – lembrou o mestre – , e aqui na redondeza não tem - E onde vamos conseguir? – quis saber o conselheiro. - Poderá conseguir em Juazeiro [...]. (CANARIO, 2005, p. 220).

Segundo informa Calasans (1997, p.71) devido à necessidade de madeiramento para a construção da Igreja Nova, Conselheiro, por intermédio de Macambira, um de seus homens de confiança o encomendou na cidade de Juazeiro, pagando com recursos próprios da comunidade. Espalhou-se então a notícia, nessa localidade, que os jagunços iriam buscar de qualquer forma a encomenda, cuja entrega fora retardada. Seria a hora do assalto ao importante centro urbano do Rio São Francisco. O pânico dominou algumas autoridades locais e foi pedida a presença de tropas para garantir a segurança no Juazeiro, indo além um destacamento de linha comandado pelo tenente Pires Ferreira, que tomou rumo de Canudos, iniciando-se, com isso, um dos muitos fogos que ainda viriam.

O maior de todos os templos erigidos pelo Antônio Conselheiro impressionava quem passava por Belo Monte, mesmo que de longe. A história que corria no sertão era que esse monumento seria tão grande e belo quanto o templo de Salomão. Essa visão de grandiosidade do monumento extrapolou, até mesmo, os muros locais e se propagou, inclusive, nas grandes capitais.

Outro fato importante é que o andamento da obra e seu caráter de monumentalidade foram espécies de propagandas do afamado arraial, atraindo pessoas dos mais diferentes estados do nordeste.

Com as sucessivas derrotas do exército, uma forma que os jornais e o próprio governo encontram para que pudessem se livrar da vergonha e vexame sofridos, foi propagar a idéia de que Canudos era uma imensa cidade-fortaleza, com construções, cujas paredes mediam cerca de 1.50 a 2.00, e recebiam, por seu turno, ajuda de outros países.

Logo depois de fracassada a expedição de Moreira César, baseando-se em informações dos que sobreviveram ao desastre, *O Diário Popular* de 04/05/1897 (apud ARQUEOLOGIA E RECONSTITUIÇÃO MONUMENTAL DO PARQUE ESTADUAL DE CANUDOS, 2002, p.116) anunciava aos seus leitores que a Igreja Velha parece com a do Bonfim da Bahia e a nova a da Conceição da Praia, tendo esta a suas paredes mais de metro de espessura, de pedra coração de negro. *O Correio Paulistano* não dava por menos os seus cálculos, noticiados em 17/07/1897 (apud ARQUEOLOGIA E RECONSTITUIÇÃO MONUMENTAL DO PARQUE ESTADUAL DE CANUDOS, 2002, p.116) no qual afirma que as paredes da famosa

igreja de Canudos tinham dois metros e meio de espessura; constituída em duas partes de um metro de largura e com um intervalo de meio metro cheio de areias e troncos. Já o jornal *O Estado de São Paulo* de 30/03/1897 (apud ARQUEOLOGIA E RECONSTITUIÇÃO MONUMENTAL DO PARQUE ESTADUAL DE CANUDOS, 2002, p.116) foi mais moderado quando afirmou que as duas igrejas, uma das quais verdadeiro baluarte pela sua sólida construção, tinham mais de um metro e meio de espessura.

Segundo nos informou um correspondente de *A Gazeta de Notícias* de 22/09/1897 (apud ARQUEOLOGIA E RECONSTITUIÇÃO MONUMENTAL DO PARQUE ESTADUAL DE CANUDOS, 2002, p.117), essa visão não se sustentaria, pois, as igrejas não tinham tanto de monumental, se parecia, todavia, com outras igrejas do sertão.

De um barranco que serve de trincheira a uns 60 metros da igreja nova, examinei as ruínas deste decantado e célebre baluarte expugnável. A parede lateral está completamente derrocada pela ação da artilharia da Favela; a frente e o lado oeste estão completamente arruinados, as torres derrocadas, o telhado completamente inutilizado, é um esqueleto em pé. Mas, como se exagera, Santo Deus! Dizia-se que era uma construção monumental, fazendo-se crer até superior à Fortaleza de Santa Cruz. Pura fantasia, própria de uma terra de fanáticos. A igreja nova, hoje em ruínas, é de construção simples, paredes grossas de sessenta ou oitenta centímetros, mais ou menos, como me foi possível calcular a 60 metros de distância, feitas de pedra e cal, como são feitas todas as igrejas, e nada mais. Se esta tal igreja era uma fortaleza inexpugnável, então que serão as nossas igrejas da Candelária, do Carmo e tantas outras aí! É verdade que é uma construção poderosa, relativamente às construções daqui, onde não há outras que não sejam de pau-a-pique, barro, cobertas de folhas de icó com barro por cima ou telha-vã.



Imagem 02: Fachada da Igreja do Bom Jesus ou Igreja Nova - Belo Monte

Autoria: Antônio Conselheiro

Fonte: Arquivo Histórico da República – RJ.

Todavia, era essa a mais imponente das construções. A vítima principal dos canhões e dos tiros de outros armamentos. Foi a obra mais arrasada. Na imagem realizada por Flavio de Barros pode-se constatar; paredes destruídas, torres desabadas, dinamitadas e incendiadas. (Imagem 02)

O templo do Bom Jesus do Belo Monte, a Igreja Nova, se por um lado encantava a muitos, no sertão, pela sua imponência e beleza; no faixa litorânea ela era descrita como a obra tosca dos rudes fanáticos.

Talhada no centro da cidade, esse templo foi, realmente, vítima de muitas discussões. A escrita de um dos grandes escritores do Pré-Modernismo brasileiro, quando trata desse templo, é tomada de equívocos e preconceitos. Em sua obra *Os sertões*, Cunha (2002, p. 183-185) afirma:

Além disto ali os aguardava, no termo da jornada, a última penitência: a construção do templo. A antiga capela não

bastava. Era frágil e pequena. Mal sobranceava os colmos achatados. Retratava por demais, no aspecto modestíssimo, a pureza principal da religião antiga. Era necessário que se lhe contrapusesse a *arx* monstruosa, erigida como se fosse o molde monumental da seita combatente. Começou a erigir-se a igreja nova. Desde antemanhã enquanto uns se entregavam às culturas ou tangiam os rebanhos de cabras, ou abalavam para *fazer* o saco nas vilas próximas, e outros, dispersando-se em piquetes vigilantes, estacionavam nas cercanias, bombeando quem chegava, o resto do povo moirejava na missão sagrada. Defrontando o antigo, o novo templo erguia-se no outro extremo da praça. Era retangular, e vasto, e pesado. As paredes mestras, espessas, recordavam muralhas de reduto. Durante muito tempo teria esta feição anômala, antes que as duas torres muito altas, com ousadias de um gótico rude e imperfeito, o transfigurassem. É que a catedral admirável dos jagunços tinha essa eloqüência silenciosa dos edifícios, de que nos fala Bossuet... Devia ser como foi. Devia surgir, mole formidável e bruta, da extrema fraqueza humana, alteada pelos músculos gastos dos velhos, pelos braços débeis das mulheres e das crianças. Cabia-lhe a forma dúbia de santuário e de antro, de fortaleza e de templo, irmanando no mesmo âmbito, onde ressoariam mais tarde as ladainhas e as balas, a suprema piedade e os supremos rancores... Delineara-a o próprio Conselheiro. Velho arquiteto de igrejas, requintara no monumento que lhe cerraria a carreira. Levantava, volvida para o levante, aquela fachada estupenda, sem módulos, sem proporções, sem regras; de estilo indecifrável; mascarada de frisos grosseiros e volutas impossíveis cabriolando num delírio de curvas incorretas; rasgada de ogivas horrorosas, esburacada de troneiras; informe e brutal, feito a testada de um hipogeu desenterrado; como se tentasse objetivar, a pedra e cal, a própria desordem do espírito delirante. Era a sua obra-prima. Ali passava os dias, sobre os andaimes altos e bailéus bamboantes. O povo enxameando embaixo, na azáfama do transporte dos materiais, estremecia muita vez ao vê-lo passar, lentamente, sobre as tábuas flexuosas e oscilantes, impassível, sem um tremor no rosto bronzeado e rígido, feito uma cariátide errante sobre o edifício monstruoso. Não faltavam braços para a tarefa. Não cessavam reforços e recursos à sociedade acampada no deserto. Metade, por assim dizer, das gentes de Tucano e de Itapicuru para lá abalou. De Alagoinhas, Feira de Santana e Santa Luzia, iam toda a sorte de auxílios. De Jeremoabo, Bom Conselho e Simão Dias, grandes fornecimentos de gados. Não assombravam aos recém-vindos os quadros que se lhes

antolhavam. Tinham-nos como obrigatória a prova desafiando-lhes a fé inabalável.

Por outro lado, foi a obra que consumiu maior mão de obra e recursos. Para o Belo Monte, nesse momento, iriam artífices e mestres de todos os lugares do nordeste, os quais propiciariam um ritmo mais acelerado à construção.

Aras (1953, p.47) declara que as obras da Igreja Nova eram aceleradas. Segundo suas informações, a construção seguia adiantada ouvindo-se, até mesmo, o retinir das marretas quebrando pedras, blocos de mármore em todas as cores e tonelagens descidas do Cambaio por dezenas de homens com bimbarras. Chegavam linhas de Jequitibá em ombros, vindas das fazendas de um dos cabecilhas – Norberto das Baixas, no município do Bom Conselho, ou procedente do Banzaê. Nas obras dos altares marceneiros e pintores, com o maior cuidado, levavam a obra ao ponto de ser terminada toda a um só tempo.

Acerca dos os trabalhos realizados na obra maior do Belo Monte, Graham (2002, p.129-130) informa-nos que:

Antônio Conselheiro não estava sempre nas nuvens ou nos púlpitos, pregando para seus adeptos. Como outros místicos, tinha um lado prático muito forte. Era algo a ser visto durante todo o dia inspecionando os encarregados de cavar trincheiras e de construir paliçadas alinhadas ao longo do rio, atrás das quais pudessem ser estendidos os rifleiros. Uma coisa acima de todas reclamava sua especial atenção. Era a construção de um templo à altura das circunstâncias, suficientemente grande para abrigar a enorme multidão que ali se reunia e para sustentar a dignidade que se deve atribuir à última igreja antes da destruição do mundo. Os fiéis trabalhavam gratuitamente. O material era trazido de todas as regiões do sertão e havia pilhas de madeira, de pedras e de telhas por todos os lados da praça principal. Os construtores trabalhavam com a frequência de formigas, possuídos, deixando de lado o instinto, de um fervor religioso que lhes impulsionava o trabalho. Desde a construção das pirâmides, a humanidade não havia visto tal multidão de trabalhadores não especialistas transportando vigas e pedras para sua vasta empresa. A diferença estava no fato de que em Canudos todos trabalhavam voluntariamente, sem um supervisor, salvo o próprio Conselheiro. A toda hora ele estava entre os seus obreiros, sem falar com ninguém, mas olhando

tudo. Nada parece tê-lo acovardado. As geladas manhãs do sertão, com o termômetro bastante baixo do ponto de congelamento, encontravam-no, ao raiar da aurora, com a cabeça descoberta, vestido com sua túnica de algodão, em seu posto de trabalho. Ao meio-dia, quando o impetuoso sol, inclusive depois das manhãs geladas, derramava-se como chumbo derretido sobre a terra argilosa dos áridos montes que rodeiam Canudos, ele inda estava fazendo suas rondas. Seus obreiros olhavam-no, com uma mistura de admiração e medo, caminhar como um equilibrista ou um sonâmbulo através de vigas estendidas entre as paredes, a uma altura prodigiosa, tão impávido como quando andava pelo chão. Lentamente, a monstruosa e babilônica construção ia se erguendo, dentro de uma massa de andaimes rústicos sustentados por cordas feitas como couro cru ou por cipós cortados das árvores. Em pouco tempo, dominou todo o povoado, elevando-se sobre a humilde igreja da fazenda, a qual logo tornou pequena e insignificante. Solidamente edificada em forma retangular, o que lhe dava o ar de uma fortaleza medieval ou pré-histórica erguida por algum *Nemrod* para chegar ao céu e dominar a humanidade, destacava-se sobre o povoado. Em meio à paisagem inerte, onde poucas árvores, além da mangabeira, suportam as terríveis e bruscas variações de temperatura e conservam suas folhas, o templo gigante avançava escuro e ameaçador. Suas paredes eram pardas, a cor predominante da pedra do sertão. O extenso mar de cabanas era pardo e sem brilho. Fora de seu raio e do outro lado do rio Vaza-Barris, os baixos e ondulados montes pareciam calcinados e tão ermos como as montanhas da lua. A maioria dos obreiros usava a roupa de couro de veado dos vaqueiros, e trabalhavam em uma nuvem de pó que tingia seus rostos de um pardo ainda mais escuro. O pó flutuava acima de tudo, tornando Canudos e seu templo em construção quase invisíveis dentro de sua depressão, vistos a pouca distância. Um viajante que passasse pelos morros não teria visto nada, salvo o *simum* levantado pelos obreiros descalços, rasgado pelas altas paredes do templo que ia se erguendo e pelos gritos dos que se dedicavam ao trabalho, protegidos e isolados da humanidade. O templo da *Sion* dos jagunços não foi terminado nunca; mas ainda assim ele ocuparia seu papel no espaço em que iria ter lugar. Enquanto isso, como um segundo *Birs-Nemrod*, elevava-se sobre a rancharia parda e baixa dos sectários

Mesmo que tenham existido falas de sentido depreciativo com relação a essa construção, é forçoso admitir que a maior obra do arraial de Canudos e, inclusive, de outras cidades concebidas pelo Conselheiro foi a Igreja do Bom Jesus.

Com área de aproximadamente de 270m² as paredes desse templo, segundo informações arqueológicas desenvolvidas pela Universidade do Estado da Bahia (apud ARQUEOLOGIA E RECONSTITUIÇÃO MONUMENTAL DO PARQUE ESTADUAL DE CANUDOS, 2002, p.117) têm medidas de 0.60m de largura, próprias e justas ao dimensionamento desses tipos de estruturas. Segundo essas informações, a igreja era dotada de uma nave central, com altar-mor alteado, contando com corredores laterais simétricos. (Imagem 03) O coro único deveria ser aposto à face frontal e o telhado subdividido em dois blocos de alturas diferentes, ambos com quedas de duas águas.

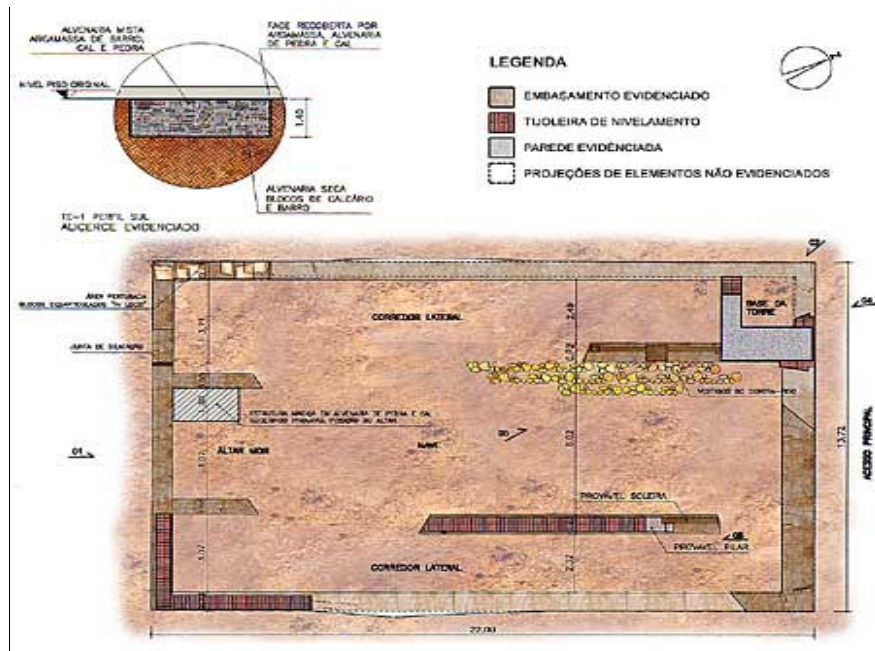


Imagem 03: Reconstituição da planta baixa da Igreja nova de Canudos

Fonte: ITAU CULTURAL. <<http://www.itaucultural.org.br/arqueologia/pt/tempo/canudos/index.html>>

A fachada frontal era ladeada por dois torreões com acesso externo, tendo sido possível, inclusive, evidenciar a base estrutural que o suportava, além das linhas

projetadas pelos artífices na argamassa, indicando o vão da porta. Da outra torre, presente na obra fotográfica de Flávio de Barros, nada restou.

É importante frisar que essa edificação era a única dos exemplares do Conselheiro que apresentava, além do grande porte, elementos que diferiam das demais construções erigidas até então. Nela se faziam notar: a utilização de duas torres campanário laterais, pórtico frontal monumental em arco pleno, etc. É a única com duas torres, pois dadas às dificuldades de recursos e ao tempo curto da construção, em outras localidades ele não ergueu campanários com a mesma estrutura presente no templo do Bom Jesus. (Imagem 04).

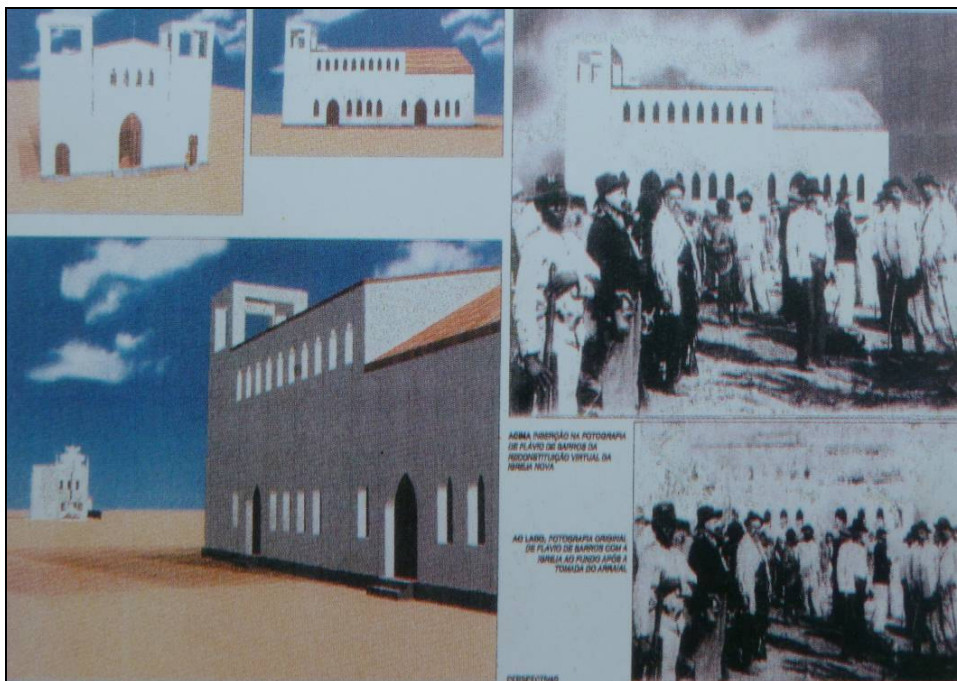
Outro aspecto que chama a atenção, nessa obra, é o tratamento neo-gótico aplicado aos vãos das portas e janelas laterais do pavimento térreo transformadas em barricadas, em oposição às janelas de apelo mudéjar, indicando a transição no construir do Conselheiro. (Imagem 05).



(Imagem 04) Igreja do Bom Jesus ou Igreja Nova reconstituída no filme Guerra de Canudos

Autoria: Antônio Conselheiro, século XIX.

Fonte: filme Guerra de Canudos, 1997.



(Imagem 05) Igreja do Bom Jesus ou Igreja Nova reconstituída

Autoria: Antônio Conselheiro, século XIX.

Fonte: Arqueologia e reconstrução monumental do Parque Estadual de Canudos, 2002.

No grande sertão da Bahia por onde o beato Antônio andou, somente duas igrejas ostentavam imponentes suas duas torres sineiras. A igreja de São João em Geremoabo e a igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho em Cícero Dantas; ambas do século XVIII e erigidas através das missões do frei Apolônio de Todi. (Imagem 06 e 07)).

Sabe-se que Conselheiro, nessas duas cidades, além de peregrinar, efetuou reparos, construiu obras e comercializou. Em Jeremoabo não temos notícia de que o beato tenha restaurado ou edificado alguma obra pia, todavia, sabe-se que peregrinou por esse município, realizando, negócio, e arrecadando recursos, quando já estava fixado no Belo Monte.

As janelas de influência neogótica e mudéjar da igreja de Cícero Dantas influenciaram, sobremaneira, o partido estilístico do templo do Bom Jesus do Belo Monte. Conselheiro, contudo, empregou esses estilos, nos vão laterais da construção.



(Imagem 06) Igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho, Cícero Dantas - BA

Autoria: Apôlonio de Todi, século XVIII.

Fonte: Jadilson Pimentel, 2011.



(Imagem 07) Igreja de São João, Geremoabo - BA

Autoria: Apôlonio de Todi, século XVIII.

Fonte: Jadilson Pimentel, 2011.

Com relação à decoração interior da Igreja Nova nada se pode inferir, uma vez que quando do assalto final e entrada das forças republicanas a igreja já se encontrava totalmente destruída. Por outro lado, a construção era recente e os artífices ainda iniciavam as obras dos retábulos e escultura. Vale lembrar que nem a cobertura, nem as torres da igreja se encontravam terminadas.

No dia 5 de outubro de 1897, quando do assalto final, o arraial todo ardia como fornalha. Canudos encontrava-se demolida. A igreja fortaleza em cujas torres incompletas e andaimes transitavam os sertanejos para acertar os inimigos, e que por sua vez consistia no alvo preferencial da fuzilaria dos soldados caiu, enfim, no finzinho da guerra, havendo grande manifestação de júbilo entre os soldados. Aproximava-se o desfecho da bizarra guerra que teve, por centro, essa igreja. (Imagem 08).



(Imagem 04). Canudos e Igreja Nova arrasados

Autoria: T. Gaudenzi

Fonte: Memorial de Canudos, 1993.

REFERÊNCIAS

CALASANS, José. Antônio Conselheiro, construtor de igrejas e cemitérios. In: *Cartografia de Canudos*. Salvador, Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia/Conselho Estadual de Cultura, 1997.

_____. As igrejas de Canudos. In: *Cartografia de Canudos*. Salvador, Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia/Conselho Estadual de Cultura, 1997.

CANÁRIO, Eldon. *Os mal-aventurados do Belo Monte*. Salvador: Editora ABC, 2005.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Martim Claret, 2002.

GRAHAM, Robertb Cunninghame. *Um místico brasileiro: vida e milagres de Antônio Conselheiro*. São Paulo: Editora Sá e Unesp, 2002.

MARCIANO, João Evangelista de Monte. *Relatório apresentado, em 1895, pelo reverendo Frei João Evangelista de Monte Marciano, ao Arcebispado da Bahia, sobre Antonio Conselheiro e seu séqüito no arraial dos Canudos*. Tipografia do Correio da Bahia, Salvador, 1895 (edição em fac-símile pelo Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987).

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Centro de Estudos Euclides da Cunha. *Arqueologia e reconstituição monumental do Parque Estadual de Canudos*. Salvador: UNEB, 2002.